

Apresentação de “Palavras ditas”, de Fernando Seabra Santos

Coimbra, 6 de Dezembro de 2022

1. Introdução

As minhas primeiras palavras são de agradecimento pelo convite para estar aqui a colaborar na apresentação de “Palavras ditas”, de Fernando Seabra Santos.

Não cabe aos membros deste painel questionar as razões para o convite do autor. Ainda assim tive a curiosidade de tentar perceber qual tinha sido o critério da escolha. E cheguei a uma conclusão: os membros do painel foram convidados porque têm duas coisas em comum com o autor. Todos os quatro fomos estudantes da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e os quatro praticámos desporto na Associação Académica de Coimbra.

Muitos saberão – mas talvez não todos – que António Nóvoa foi jogador de futebol na Académica e que foi atleta promissor. Menos conhecido – e para alguns mais difícil de perdoar – é que nessa altura era também estudante de Matemática na nossa Universidade.

Quanto a Carlos Fiolhais, talvez nem ele próprio se lembre de que foi atleta na Secção de Xadrez da Associação Académica de Coimbra. Fomos adversários no Campeonato Regional Universitário em Novembro de 1975. O país gritava e manifestava-se lá fora, enquanto nós nos perdíamos em cogitações sobre outros reis, outros peões e outros bispos.

Fernando Seabra Santos e eu fomos membros da Secção de Natação. Como ele recorda num dos seus discursos, no princípio da década de 70 a Académica teve uma “equipa-maravilha” de natação. Essa equipa, pelo esforço de vários dirigentes e de um treinador, conseguiu contrariar o domínio de décadas do Sport Algés e Dafundo e tornar-se a melhor equipa nacional, estatuto que manteve durante alguns anos. Suponho que Fernando Seabra Santos guarda, como eu, até hoje, uma enorme admiração pelas principais “estrelas” dessa equipa.

A minha relação pessoal com o autor é portanto antiga. E também é feita, nas décadas mais recentes, de intensas discussões sobre assuntos universitários, com convergências e divergências. Mas – mais importante – com acordo profundo quanto à necessidade de trabalhar pela Universidade de Coimbra e pela sua permanência e crescimento no que ela tem de melhor. Nunca as divergências provocaram zangas. Foram antes estímulos para a abertura a considerar posições diferentes das nossas e os seus eventuais méritos.

2. O livro

Está claro que este livro não é um livro de memórias.

Não que houvesse algum problema em o autor escrever as suas memórias, que seriam bem interessantes, tal como aconteceria com as dos meus colegas de mesa. (Fica a sugestão.) Mas aqui é mesmo o oposto. Os textos correspondem a palavras ditas, que são portanto sempre palavras do então presente. No entanto, esta colecção de discursos acaba cumprindo a mesma função de fazer a história de um período sob um olhar particular. O que não tem é o lado de auto-justificação e reescrita do passado que é uma das atracções do género memorialístico.

Os textos são mais de 60, assim agrupados: discursos das grandes ocasiões internas (Tomadas de Posse, Aberturas Solenes, Dias da Universidade) e depois intervenções de tipos variados, como Aberturas Solenes de outras Universidades, Homenagens, Textos de Política Universitária. Vários discursos são feitos noutros países.

São palavras para ocasiões mas raramente são palavras de circunstância. Os textos são atravessados por um espírito muito próprio, que é um retrato do autor: cuidado com as palavras e cuidado com as pessoas, defesa da dignidade da Universidade de Coimbra, consciência da responsabilidade do cargo que ocupa (ou cargos, pois durante alguns anos o autor foi presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas). Vemos também pensamento e acção – em rigor vemos pensamento em acção – e vemos gosto literário.

Todos os textos são interessantes. Chamou-me especialmente a atenção o capítulo das homenagens a personalidades, naturalmente umas mais próximas do autor e outras menos. Trata-se de exercícios de empatia. O autor tenta perceber, para melhor retratar. Nota-se o esforço para identificar o tom justo, adequado a cada pessoa e cada circunstância. Há sempre generosidade de atitude. Nesse aspecto, é exemplar, pela argúcia do retrato, o discurso de evocação póstuma de Francisco Lucas Pires, que o autor declara logo de início não ter conhecido pessoalmente.

3. História e transição do Ensino Superior em Portugal

O contexto do Reitorado de Fernando Seabra Santos, e portanto destes discursos, foi de grandes mudanças no panorama do Ensino Superior em Portugal. De facto, das quatro reformas do Ensino Superior no nosso país neste século, três ocorreram durante os seus mandatos: a Lei do Financiamento, de 2003, o Regime Jurídico das

Instituições de Ensino Superior (RJIES), de 2007, e a criação e instalação da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, iniciada em 2007 mas prolongada no tempo até 2010 ou 2011. (A quarta reforma, de 2013-2014, foi a criação dos cursos de dois anos no Ensino Politécnico.)

Houve outras mudanças, como o Decreto dos Graus, de 2006, ou a revisão do Estatuto da Carreira Docente, de 2009, mas, apesar de terem dado muito trabalho às universidades, foram mudanças mal pensadas ou mal concretizadas, não merecendo o nome de reformas.

Infelizmente, este foi também um período de crescente subfinanciamento público do Ensino Superior. Ele foi concretizado em larga medida não por uma queda das dotações, como aconteceu no período da troika, mas de forma indirecta, por obrigações financeiras crescentes das instituições – não compensadas –, especialmente com os descontos para a Caixa Geral de Aposentações.

A tais alterações foi necessário acorrer e Fernando Seabra Santos – que viveu isto intensa e corajosamente como Reitor, tendo sido importante protagonista também a nível nacional – de tudo vai dando conta, nas suas intervenções. As análises são profundas e exaustivas e por isso estes volumes constituem também uma importante contribuição para a história do Ensino Superior em Portugal. Vemos o pensamento próprio do autor perante as sucessivas mudanças, por vezes em choque mas também em reflexão e evolução dinâmica.

Das várias mudanças referidas destaca-se o RJIES. A sua aprovação traduziu um “momento pombalino”, que é bastante raro na actual forma de governar – ou não governar. É certo que, antes, houve uns colóquios na Fundação Gulbenkian e no Conselho Nacional de Educação. Mas a produção da lei – depois objecto de aprovação-relâmpago na Assembleia da República – decorreu essencialmente sob o estímulo do então Presidente da República, a vontade política forte do então ministro e a redacção por duas pessoas muito qualificadas, uma no plano jurídico e outra no plano do conhecimento da realidade do Ensino Superior.

Durante o debate público e a propósito da constante instabilidade das tutelas do Ensino Superior desde 1998, disse Fernando Seabra Santos, num discurso em Lisboa [cito]: «[faço uma] sugestão (permita-se-me a ironia): a de que aos Conselhos de Ministros seja permitido cooptar alguns membros externos, em número não inferior a 30%, escolhidos por entre personalidades de reconhecido mérito com experiência e conhecimentos relevantes, que estimulem e garantam a abertura à vida social, cultural e económica do País.»

Por essa e outras franquezas pagou um preço elevado, cuja história só está parcialmente feita.

As considerações de Fernando Seabra Santos sobre o RJIES, concorde-se ou não com elas – e eu concordo com algumas –, permanecem actuais.

Destaca-se o desenho defeituoso do chamado “regime fundacional”. Tratou-se de uma construção jurídica *ad hoc* para proporcionar maior autonomia às universidades (com o enorme erro – ainda não corrigido – de o permitir para Unidades Orgânicas isoladamente). Mas, com algumas excepções, foi um quase total falhanço, porque as Finanças rapidamente perceberam o expediente e eliminaram muitas das reais vantagens do regime, ainda com o mesmo primeiro-ministro e o mesmo ministro do Ensino Superior! Quando se aproxima uma bancarrota o Ministério das Finanças assume o poder todo.

A questão da governação das universidades foi intensamente discutida nos anos anteriores ao RJIES – em especial nos colóquios que já referi – e em particular a principal inovação, o Conselho Geral. A solução da lei nessa matéria foi um compromisso entre várias possibilidades. Não é perfeita. Por exemplo, deveria haver mecanismos que garantissem maior independência dos membros do Conselho Geral em relação ao Reitor, cuja acção o Conselho supervisiona.

Mas seguramente a participação de membros externos no Conselho Geral não significou nem significa o domínio das instituições de Ensino Superior por interesses privados, como por vezes se ouve dizer.

4. Transição da UC e do autor como dirigente universitário

Se o período de que temos falado foi de grandes mudanças no Ensino Superior em Portugal, ele significou também transição na Universidade de Coimbra e no próprio Fernando Seabra Santos enquanto dirigente universitário.

Foi Vice-Reitor, durante perto de cinco anos, com pelouros de alta responsabilidade. Depois esteve oito anos como Reitor, após uma eleição em que teve como opositor outra personalidade marcante da Universidade de Coimbra, José Reis, da Faculdade de Economia.

Foi o primeiro Reitor vindo de Engenharia, mas pode-se dizer que foi um Reitor de Humanidades, pela cultura, pelo cuidado posto na expressão oral e escrita e pelo seu próprio passado artístico.

A transição foi também geracional, tanto no plano da idade do Reitor como na consciência da mudança da posição da Universidade de Coimbra no panorama nacional do Ensino Superior. Quando Fernando Seabra Santos entrou para a Universidade como estudante, só havia quatro universidades em Portugal. E não era assim tão distante a memória do tempo em que a Universidade de Coimbra era a única no país. A consciência dessa mudança informou muito a sua atitude e o seu trabalho intenso, em todas as vertentes, como Reitor.

O autor, ao chegar a Reitor, pode ter vindo de uma parte da Universidade, mas acabou conhecendo e respeitando toda a Universidade. Em momentos mais duros e complexos, teve a preocupação de ouvir, ouvir constantemente a Universidade, de forma mais orgânica ou menos orgânica.

Os altos cargos executivos obrigam ao contacto com uma sucessão esmagadora de situações concretas e necessidades de decisão em que se é dominado pela ética da responsabilidade. Está-se na arena, enquanto o luxo da ética da convicção fica para os críticos de bancada. O autor fala disso de passagem, num discurso na Universidade de Granada, ao referir “O saudável efeito do princípio da realidade”.

5. Personalidade do autor

Fernando Seabra Santos, neste livro, é homem de pensamento, não só sobre a universidade como sobre a vida. Mas também homem de emoção. Há nestes volumes, por vezes, páginas que chamam a atenção do leitor pela autenticidade da emoção que por elas passa. Um exemplo é a aula inaugural na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2005.

Para alguns, Fernando Seabra Santos permanece uma pessoa distante e até um pouco desconhecida. Isto costuma acontecer com certo tipo de personalidade. Os reservados parecem secretos, os tímidos parecem antipáticos.

É alguém de muitas dimensões e contrastes:

- o solitário gregário
- o engenheiro compositor musical
- o académico empresário
- o tímido que faz centenas de discursos
- o afectivo de feições severas
- o homem que se recolhe ao Talasnal e depois a Brasília

6. Conclusão

Algum consolo virá a Fernando Seabra Santos de ver a Universidade de Coimbra continuar – apesar de um dia um alto responsável político lhe ter dito em público que as universidades podem ser antigas mas não são eternas. Foi pena esta declaração: é importante o respeito pelas verdadeiras instituições, num país onde elas são tão raras.

A Universidade de Coimbra continua e os problemas que eventualmente possa ter no futuro serão consequência dos erros que cometer, não serão consequência da vontade de algum governante.

*

Estas “Palavras ditas” podiam ter sido meras palavras de circunstância, levadas pelo vento que ocasionalmente soprava na altura. Mas não: elas merecem passar a ser palavras lidas, pela qualidade da escrita, pela densidade do pensamento do autor, pela sensibilidade aos outros e pelo importante contributo que dão para a história da Universidade de Coimbra e do país.